

JORNAL: JORNAL DO BRASIL-GB LOCAL: \_\_\_\_\_

DATA: 25 / 6 / 1957 AUTOR: MARIO PEDROSA

TÍTULO: AS COLAGENS DE SERPA

ASSUNTO: EXPO DE COLAGENS DE IVAN NA GALERIA

TENREIRO

## ARTES VISUAIS

# As colagens de Serpa

Mário Pedrosa

Encontra-se na Galeria Tenreiro uma pequena mostra das últimas colagens de Ivan Serpa, numa arrumação excelente. Tenreiro as apresenta sem "passe partout", diretamente em contato com o vidro, pintado a pistola e sem moldura. As colagens ganham extraordinariamente, pois desvenlhadas das limitações e inconveniências do cartão, se tornam como que mais autênticas: tal e qual foram concebidas pelo autor.

A mostra atual é constituída pela coleção que participou da representação brasileira na Bienal de Veneza, onde foi realmente notada e apreciada. A mesma coleção andou depois por vários países, inclusive no Japão.

Vale a pena comparar as duas apresentações de Serpa, a do Salão Moderno, que lhe deu o prêmio de viagem ao estrangeiro, e a da Galeria Tenreiro. São duas maneiras, ou melhor, dois gêneros inteiramente diferentes. Muita gente — talvez a maioria — prefere as colagens a tudo o

mais que Serpa já fez. No entanto, as colagens, belas em si, representam, segundo o próprio Serpa, um "intermezzo" na sua obra, ou um meio e não um fim. As colagens lhe deram, com efeito, uma familiaridade com as cores, com o problema das texturas que não tinha antes delas. Sua experiência das colagens é ainda visível nos próprios quadros do Salão: um deles é uma decorrência textural daquelas. Com processo mecânico da colagem, ele atingiu a uma precisão nos detalhes ainda não alcançada por ele em outros materiais.

Mas afinal as colagens existem em si mesmas, e completam toda uma das mais apreciadas fases do artista. O processo de executá-las é, como se sabe, invenção sua. Nelas o problema da cor foi enfrentado em toda sua complexidade. Desde o expressionismo e o cubismo que os pintores modernos vêm se preocupando com esse problema fundamental.

A cor pigmentária, a cor química já não satisfaz aos que querem tirar do vocabulário cromático atual, ainda em parte inexplorado, todas as suas esplêndidas virtualidades. Em 1912, surgia na Inglaterra e Estados Unidos uma "escola" que proclamava a "morte" da velha pintura, a qual deveria ser substituída por uma nova arte exclusivamente de cores. Eram os "sincromistas", que tinham em W. H. Wright o seu principal teórico. Wright rebelava-se contra a persistência, mesmo nos praticistas da "nova pintura" do que chamou de "fixação do material".

O cubismo foi em parte motivado por uma insatisfação, ou melhor, por uma incessante pesquisa de novos materiais. Todo um campo novo de texturas se abriu aos artistas, bem como de fontes de iluminação. Para Wright isso provocou uma verdadeira ânsia por "um meio mais maleável de se projetar as descobertas da nova arte de cor". E daí tirou a conclusão de que "o artista moderno instintivamente compreendia a inadequação das telas e pigmentos". Com Moholy-Nagy, Boccioni e tantos outros, ele via na evolução "inevitável" da pintura a necessidade de abandonar a prisão da cor pigmentária, em busca do que lhe parecia ser "a cor na sua forma mais pura, mais intensa e com variações determináveis — a luz".

A experiência das colagens de Ivan Serpa de algum modo se inscreve nessa procura de novos materiais e, mórmente, de libertar o artista da cor química, material, de pigmento, que se esfacela, que se mescla e se estende, liquefeita, a pincel sobre uma tela. Já em fase anterior ele se havia ensalado no emprego do ripolin, do duco e de outras tintas industriais.

A curiosidade artesanal levou Ivan a ter experiência das colagens. Foi assim que do estudo de uma máquina de restaurar papéis velhos, carbonizados pela traça, lhe nasceu a idéia de uma nova espécie de colagem mecânica: superpor formas recortadas de papel de seda, fino, transparente, ou opaco, pois até filó se pode utilizar no seu processo, e as permeal com celulose. Depois tudo submeter à compressão: sob o calor, as folhas se fundem. A obra sai, assim, feita, como um pão de forno.

O grande cuidado do artista é a composição de todo esse material, com enorme variação de tons, de texturas, de formas, de planos e transparências. Depois de arrumado tudo ele desmancha o trabalho feito, para refazê-lo de memória, antes de levá-lo à pressão. Assim, da segunda vez, a arrumação empírica é por assim dizer retocada, numa intuição de último momento.

Na nova colagem, a cor toma uma pureza e densidade raras. Desmaterializada, ela alcança uma luminosidade que permite as transsubstanciações mais sutis de matéria, de textura e de planos espaciais. As cores fundidas realmente e não mais apenas superpostas ou mescladas, como no óleo, têm comportamentos imprevisíveis, e assim obtém ele de vermelho sobre vermelho uns tons marrons ou de terra de Siena muito sugestivos; ou de amarelo sobre azul, paradoxalmente, um azul suave de prússia, com tendência ao cinza.

Também sob a fusão do calor o preto e o rosa podem ser levados a um estranho compromisso, com desvio para o cinza azulado.

As cores aparecem como que libertas de toda garga material, tomando as variações mais características de sua aparência espacial: e passam do tom puro, de ótima saturação aos degradés mais sutis, ora conservando a qualidade resistente específica de superfície das cores-objetos, ora se apresentando translúcidas, como na cor-iluminação, na cor filmica.

Jornal do Brasil  
25 de junho de 1957

### PINTURA INFANTIL

De um total de 20.000 trabalhos de arte, realizados por crianças, colhidos e selecionados por Ivan Serpa, em dez anos de curso de arte infantil, 20 ou 40 serão expostos, a partir do dia 16 de julho, na Petite Galerie.